

Quando Portugal comemorou o futuro: Herbert Daniel, 1975

Matteo Gigante* 

Introdução

Raramente rebentaram tantos cravos como na primavera lisboeta de 1975. Nesse momento, o brasileiro Herbert Daniel semimédico, revolucionário, escritor, e exilado esteve presente para construir o futuro e cuidar da colheita semeada desde o 25 de Abril de 1974. Tal como reconstruído na biografia de James Green (2018, p. 28-59), Herbert Eustáquio de Carvalho, que conhecemos especialmente pelo pseudónimo Herbert Daniel, nasceu em casa, numa terra sem hospitais, do interior de Minas Gerais, no seio de uma família proletária.

Originalmente brasileiro, Daniel foi concebido e criado por um militar afrodescendente e por uma operária têxtil, herdeira de diásporas italianas, tornando-se um menino introvertido e responsável, um adolescente sedentário, um aluno brilhante e um futuro estudante de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Reconhecendo como seus os desafios do proletariado brasileiro, na Universidade, Daniel começou a interpretar leituras que propunham soluções inovativas e argumentações politicamente corajosas, descobrindo-se marxista.

Neste sentido, enfrentando diretamente a ditadura militar, participou em movimentos de esquerda como o POLOP (Política Operária). Daniel decidiu desafiar destemidamente a repressão e alimentar a esperança, engajando-se na resistência urbana e militando, na juventude, com a futura Presidenta Dilma Rousseff com a qual, pela primeira vez, falou sobre a sua homossexualidade (GREEN, 2018, p. 64). A sua orientação sexual, meticulosamente escondida na sua atuação política clandestina, aproximou Daniel da companheira Dilma que se demonstrou sensível ao acolhê-lo amigavelmente e sem preconceitos. Ao integrar movimentos urbanos em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, Daniel tornou-se cofundador, com Dilma, do grupo COLINA (Comandos de Libertação Nacional) (GREEN, 2011, p. 139). Assim, enquanto quadro do COLINA, Daniel (1982, p. 27) foi convidado para o “treinamento da guerrilha rural”, em Ribeira, o “pequeno motor que colocaria em marcha o grande motor” (DANIEL, 1982, p. 19). Durante este período, ao aplicar os seus rudimentos de medicina em prol dos companheiros do acampamento, Daniel tornou-se dirigente político e professor de marxismo chegando a combater sob a chefia de Carlos Lamarca, ex-militar e líder guerrilheiro que, como Carlos Marighella, encarnava o protótipo brasileiro de ‘homem novo’ e de masculinidade revolucionária (GREEN, 2011, p. 143). Inspirado pelo imaginário guevarista, esse modelo de virilidade exaltava “o sacrifício pela causa, adiando prazeres mundanos do momento em busca de um futuro socialista glorioso” (GREEN, 2012, p. 78).

* Doutorado em Estudos de Literatura e Cultura, em Estudos Portugueses e Românicos, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), Lisboa, Portugal. Pós-doutorando no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), Lisboa, Portugal. *E-mail:* giga.matteo91@gmail.com

O mito da revolução cubana percorria a América e o mundo, reavivando propósitos de justiça social e a utopia de organizar a revolta a partir da emancipação do mundo rural. Por isso, apesar de não se autoidentificar no estereótipo de ‘homem novo’ – pela sua homossexualidade e pelo seu intelectualismo, inversamente proporcional ao seu espírito atlético – Daniel engajou-se nesta luta, ao enfrentar situações extremamente precárias que passaram desde a fome até ao isolamento e à falta de bens essenciais. Todos estes sacrifícios faziam parte da dedicação de cada militante à causa revolucionária e nunca foram questionados por Daniel, bem como a privação de relações sexuais na guerrilha rural de Ribeira.

[...] eu era feliz em Ribeira porque *não* me sentia reprimido. Sentia, como todos deviam sentir, que a ausência do sexo era uma necessidade da luta, assim como os desconfortos que sofriamos, a falta de comida, por exemplo. Para mim a repressão existia nas cidades, porque a ausência de relações sexuais não era nenhuma condição da luta. Era um silêncio. Um exílio. Sabe, meu amigo, eu não era exatamente um militante homossexual. Era um homossexual exilado. (DANIEL, 1982, p. 221, grifo do autor).

Como anteriormente frisado, durante a sua militância clandestina Daniel escondeu a sua homossexualidade em vista da discriminação existente mesmo nos movimentos mais progressistas. Os movimentos marxistas daquela altura, lembra Daniel (1982, p. 96), consideravam a homossexualidade uma conspiração da pequena burguesia, antitética ao ideal de masculinidade revolucionária. Tais preconceitos, segundo Green (2011, p. 141), provinham da herança católica enquanto, conforme referido por Peter Fry (2000, p. 9), os eventuais direitos das “minorias” eram vistos como uma “luta menor”, implícita e menos relevantes do que a “luta maior” que, após a proclamação do socialismo, conferiria automaticamente emancipação e igualdade para todos. Uma parte da militância progressista, lembra Green (2012, p. 89), acreditava que as reivindicações feministas acirrariam a rivalidade entre géneros e as discussões sobre racismo alimentariam a inimizade entre distintas descendências, circunstância que seria alheia à suposta cordialidade brasileira. Outros defendiam publicamente que, reivindicar direitos para as dissidências sexuais, dissipava consensos, desviando o foco da criação de uma frente unitária avessa ao regime. Por outro lado, como lembrado por Daniel (1982, p. 93), muitos militantes escondiam ter nascido em famílias de classe média e alta, idealizando o proletariado como “classe higiénica” (DANIEL, 1982, p. 97) e assexuada, ignorando que, obviamente, também em famílias proletárias, nascem homossexuais. Consequentemente, nesta altura, Daniel (1982, p. 96) recusou uma abordagem política da sua sexualidade “Porque ‘ser bicha’ era uma acusação. Crime cujo castigo está nele e no rótulo”. Esta renúncia e afastamento da esfera do desejo revelar-se-á central na produção literária de Daniel onde “constatamos uma redefinição do conceito de exílio do sentido próprio ao metafórico” (GIGANTE, 2022a, p. 673).

No livro *Passagem para o próximo sonho*, publicado em 1982, o autor relata do inevitável isolamento político experienciado ao longo da militância clandestina. Apesar do desejo de resistir à ditadura, após o AI5, corria risco de prisão e de tortura quem tentasse comunicar com um povo, obnubilado pela informação de regime, sendo que, como admite Daniel (1982, p. 98), “[t]oda a ditadura no nosso tempo é uma técnica de manipulação das massas populares”. Assim, a sua militância transformava-se numa arregimentação, num “momento pré-político” (DANIEL, 1982, p. 22), uma “suspensão” das possibilidades

de diálogo, de reflexão e de dialética que a participação política implicaria. Tal circunstância propiciou inúmeras perplexidades:

Não seria melhor dizer claramente que neste intervalo está o verdadeiro início do exílio? Que aí, neste ‘isolamento’ político, nesta incapacidade de abrir um diálogo *atual*, a esquerda armada viveria o seu primeiro exílio? Porque, à guisa de diálogo, a única coisa que a esquerda fez foi um combate singular, e derrotado *a priori*, com a ditadura. Neste combate exclusivo, havia apenas o monólogo do Poder. A derrota não foi consequência disto: a derrota é este monólogo. / Na esquerda armada, como em muitos aspectos da vida social do país, a sobrevivência não foi senão uma forma de extermínio. Muitos, para sobreviver, abdicaram a existência. (DANIEL, 1982, p. 22, grifo do autor).

Esta segregação enfatizou-se a partir de 1970, ano no qual as tropas do regime atacaram o acampamento de Ribeira. Apesar de ter conseguido sobreviver, fugindo para o Rio de Janeiro, desde então, para defender a sua incolumidade, o autor foi obrigado a viver na clandestinidade tendo sido perseguido por um mandato imediato de busca e apreensão (DANIEL, 1982, p. 29). Ao descobrir a sua foto divulgada em vários cartazes, o ex-guerrilheiro viveu foragido, procurado como terrorista. Comparando este período com os seus anos de exílio europeu, Daniel (1982, p. 35) lembrou que “[n]ão há pior desterro do que aquele que se vive no meio duma gente que fala uma língua que parece ser a nossa”. No extremo desta circunstância, em 1972, Herbert Daniel desistiu da luta armada planeando a sua fuga.

Na data de “7 de setembro de 1974, Daniel celebrou o dia da proclamação da independência despedindo-se de um Brasil do qual, para sobreviver, era necessário fugir” (GIGANTE, 2023, p. 65). Fazendo-se passar por centro-americanos, Daniel e o seu parceiro Cláudio Mesquita conseguiram ultrapassar a fronteira, de autocarro, chegando à Argentina. Posteriormente, com um passaporte falso, cruzaram o Atlântico alcançando Lisboa. Mais tarde, graças à Doutrina Mitterand, obtiveram asilo político em Paris onde permaneceram durante sete anos.

Somente em 1975, durante a etapa portuguesa, o casal reconheceu o relacionamento amoroso, falando da própria homossexualidade entre companheiros e amigos (GREEN, 2018, p. 201). Neste período, o revolucionário, apaixonado desde sempre pela literatura, conseguiu dedicar-se mais detidamente à escrita expondo publicamente as suas posições ideológicas ao adquirir mais experiência e aprimorando a sua perspectiva crítica.

Emancipação social em “Modas e Bordados”

Enquanto a revolução germinava iniciando a mostrar os seus frutos na renovação de mentalidades e costumes, o casal de refugiados brasileiros aterrou em terras lusitanas. Apesar das dificuldades em regularizar burocraticamente a própria permanência em Portugal, no ano de 1975, morando entre Lisboa e Almada, Daniel oficializou-se no mundo das letras através de uma revista voltada para o público feminino: “Qual final poderia ser melhor para a história de um terrorista aposentado do que acabar na redação de *Modas e Bordados*, nostalgicamente olhando as senhoras da redação a tecer infundáveis crochês portugueses?” (GREEN, 2018, p. 216).

A despeito do alusivo título, a revista não se dedicava apenas à arte da costura. Efetivamente, naquela altura o periódico estava a revolucionar a sua linha editorial abordando questões políticas e sociais, de forma lúcida e consciente. Neste sentido, as páginas deste suplemento do jornal *O Século*, dantes orientado principalmente para um restrito público feminino de classe média e alta, começaram a abordar temáticas de vanguarda numa sociedade portuguesa sedenta de mudança, de democracia e de participação. Esta renovação editorial foi magistralmente impulsionada pela chefe de redação, Maria Antónia Palla, formada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e mãe do futuro Primeiro-ministro de Portugal António Costa. Graças à chefia editorial desta jornalista e de Maria Antónia Fiadeiro, em 1975, a revista abordou sistematicamente, com grande profundidade, temáticas feministas como o direito ao aborto, além de reivindicar uma série de outros direitos humanos.

Enquanto estava no Rio de Janeiro, Maria Antónia Fiadeiro tinha conhecido Maria do Carmo, companheira de militância e de desterro de Daniel, propondo sucessivamente aos dois uma colaboração na revista (GREEN, 2018, p. 216). Nesta altura, como retratado por Green (2018, p. 217), o autor começou a observar as assoberbadas vidas das companheiras mais próximas, como Maria do Carmo, obrigadas a conciliar a profissão com o trabalho doméstico, recusado pelos homens. A progressiva aceitação da sua homossexualidade e a revelação entre os camaradas, no exílio, da sua relação com Cláudio, coincidiu com a sua descoberta da crítica feminista e dos movimentos anticoloniais e antimperialistas, que lhe deram a possibilidade de atualizar, com estas novas ideias, a sua sólida formação marxista (GREEN, 2018, p. 217).

Assim, na redação, Daniel teve a oportunidade de conhecer proeminentes figuras do cenário cultural da época, chegando a ter um olhar privilegiado sobre a conjuntura social e política que Portugal viveu durante o Período Revolucionário em Curso (PREC) e escrevendo na revista *Modas e Bordados* desde abril até outubro de 1975 (GREEN, 2018, p. 218).

Ainda pouco acessíveis, como a maioria dos seus textos, estes escritos estão dispersos nas semanais edições da revista *Modas e Bordados* e apresentam uma fase incipiente e quase inexplorada da obra deste autor, ainda pouco reconhecido e estudado pela crítica literária brasileira e internacional. Na literatura de Herbert Daniel, cabem vários mundos; cada rotação corresponde a uma determinada fase ideológica, posição geográfica e estação sentimental sendo que cada obra se encontra num ciclo da vida do autor. Apesar da sua brevidade, a etapa lusitana revela-se fulcral em vista da profunda relação de amor do autor para com a revolução portuguesa, que catalisará o seu cálamo por meio das suas esperanças e utopias.

Contudo, com a mesma maestria o ex-guerrilheiro brasileiro teve a possibilidade de escrever sobre as questões mais díspares, explorando temáticas de crítica social, de atualidade e de entretenimento. Os artigos assinados como H. Carvalho estenderam-se desde “Voltaram os pirolitos”, dedicado a uma célebre bebida portuguesa da época (DANIEL, 1975i) até a análise do mito de Marilyn Monroe (DANIEL, 1975h) – que no livro *Meu corpo daria um romance*, de 1984, inspirará o lado profano da sua heterónima Marilyn Aparecida (DANIEL, 1984, p. 182) –, passando por textos de crítica marxista, feminista e antimperialista.

Ainda assim, evidentemente, a maioria destes textos abordaram temas ligados à emancipação feminina, informando as leitoras das conjunturas políticas internacionais. Por exemplo, a 25 de junho

de 1975, Daniel (1975f, p. 34-35) dedica uma reportagem à celebração do “Ano internacional da mulher” focando, em chave comparativa, a situação de diversos países como Moçambique, Chile, Portugal e União Soviética. O artigo começa lembrando que “[o] fascismo foi derrubado por uma luta enorme, travada pelo povo português que se somava à luta dos povos colonizados que resistiam ao crime do colonialismo” (DANIEL, 1975f, p. 34), portanto, anunciando a independência de Moçambique, sublinha-se que esta proclamação é uma “festa para Portugal: é a comemoração da nossa vitória conjunta com os nossos irmãos africanos”. Ao destacar como as injustiças do sistema colonial e imperialista afetaram as mulheres e o povo no seu conjunto, sucessivamente Daniel (1975f, p. 34) dedica-se à denúncia do golpe chileno de 1973, citando a indignação de Laura Allende, irmã do Presidente deposto, exilada no México, ao lado das declarações de mães dos desaparecidos pela ditadura de Pinochet cuja polícia, ligada à CIA, como descrito, torturava e matava mães e filhos juntos. Por outro lado, com esperança à situação portuguesa, Daniel (1975f, p. 34) lembra os esforços do Primeiro-ministro Vasco Gonçalves que, num discurso público, reforça a relevância da participação feminina no processo revolucionário. Ao mesmo tempo conta-se que o Movimento Democrático das Mulheres (MDM) recebeu a cosmonauta soviética Valentina Tereshkova que, desejando longevidade ao socialismo português, destacou as conquistas que as mulheres soviéticas tinham alcançado, vendo o próprio processo de emancipação demonstrado pelo progressivo acesso a cargos de responsabilidade e a profissões especializadas dantes apanágio exclusivo dos homens.

Na mesma ótica, no seu texto de estreia, o jornalista abordou a questão dos direitos reprodutivos, tema recorrente de Daniel (1975e) em *Modas e Bordados*. A crónica de Daniel (1975a) “Diário íntimo de um feto – O tempo que passei no útero da minha mãe” apresenta, de forma alegórica, o tema do planeamento familiar, reivindicando o direito à saúde e a melhores condições materiais. A crónica imagina a possibilidade de um embrião, que se tornará feto e, finalmente, humana, contar em primeira pessoa a sua experiência de gestação em qualidade de organismo em desenvolvimento. Na medida em que o útero é escolhido enquanto lugar de fala, no preâmbulo anuncia-se a vontade de interpretar a linguagem de um feto, traduzindo-a para o português com o propósito de compreender a natureza, para melhorar o mundo (DANIEL, 1975a, p. 7). Portanto, ainda que composta apenas por cromossomas, no desfecho da segunda semana, a narradora-embrião parece estar consciente dos perigos de uma “gravidez tubária”:

Lembro-me do risco que corri, caso alguma coisa tivesse andado mal na viagem. Eu poderia ter-me fixado na parede da trompa uterina. Estaríamos à rasca, eu e a mamã. Porque a trompa é um tubo muito fino e pouco elástico. Como cresço muito, em breve não haveria espaço para mim na trompa, que acabaria por romper-se. Não haveria alternativa: ou se faria o aborto, ou morreríamos ambas, eu e a minha mãe. (DANIEL, 1975a, p. 8).

Ao recapitular as metamorfoses que marcam o seu percurso de gestação, até se tornar “desigual na igualdade, como qualquer outro ser humano” (DANIEL, 1975a, p. 8), por volta da sétima semana, a narradora preocupa-se por uma doença que acomete a saúde da sua mãe. Consequentemente, destaca que o contacto com determinados vírus poderiam prejudicar o seu desenvolvimento e afetar a formação de algum órgão comprometendo, para sempre, a sua saúde enquanto nascitura. Assim, graças às suas

competências médicas, o escritor transpõe questões científicas complexas numa linguagem divertida, metafórica e infantil, reproduzindo a hipotética ingenuidade expressiva de uma criatura ainda alheia às intrigas terrestres.

Contudo, por volta da nona semana os problemas humanos começam a perturbar os pensamentos da narradora-embrião: “A mamã já sabia da minha existência, mas só agora comunicou ao meu pai. Ele ficou preocupado e diz que não sabe, ‘com o dinheiro que ganha, como alimentar três filhos’. Ele classifica-se de ‘pobre’” (DANIEL, 1975a, p. 9).

A ditadura fascista tinha mantido o seu poder e foragido o seu aparato repressivo aproveitando-se da promulgação de constantes e inapeláveis planos de austeridade alicerçados na negação de direitos básicos, provocando o empobrecimento massivo da população e condenando o povo português a uma penúria difícil de extirpar.

Tais circunstâncias materiais manifestavam-se também numa permanente situação de malnutrição que afetava a maioria das famílias e das mulheres grávidas. Portanto, por volta da décima semana, a narradora-feto reclama: “Gostaria que a mamã tivesse uma alimentação melhor. Ela não tem mantido regularidade neste aspecto. No mundo dos nascidos existem alguns problemas estranhos” (Daniel, 1975a, p. 9). A vulnerabilidade da economia familiar arriscaria prejudicar a saúde da narradora mesmo antes do nascimento dado que, antes da criação do Serviço Nacional de Saúde (SNS), o acesso a cuidados médicos era muito escasso.

Numa situação de aflição psicológica e física, a gestante não tinha acesso a fármacos adequados, sendo que a automedicação poderia ter êxitos fatais tanto para ela quanto para o feto. Contudo, “não é muito fácil ir aos médicos, que devem ser figuras muito importantes, pois segundo a minha mãe é ‘preciso dinheiro para vê-los’... Dinheiro será uma espécie de ‘cromossoma’ que orienta todos os movimentos do mundo?” (DANIEL, 1975a, p. 9).

Apesar da insuficiência semântica proveniente da sua inexperiência em relação ao mundo sensível, na sua interpretação desta circunstância a narradora-feto entende que a desigual distribuição de uma matéria, ou “cromossoma” chamada “dinheiro” – metonímia para bens, recursos e meios de produção – condiciona o sofrimento da maioria dos seres humanos. Assim, a linguisticamente inocente narradora apercebe-se das contradições do sistema capitalista ainda dentro do útero da mãe, nascendo com consciência de classe e afirmando:

Desculpem a letra trémula e as poucas explicações que darei. Mas começou o parto onde nascerei. / O que será de mim? / Parece que vivo um terramoto. [...] Devo preparar-me. / É apavorante. Começarei uma vida tão diferente. / Se eu pudesse, só pediria uma coisa: que os meus pais tenham sabido preparar as coisas para o meu nascimento. Não só no meu berço ou no meu futuro lar. Mas no país que viverei, no mundo onde crescerei. Isto é que seria importante. / Creio que os meus pais devem-me isto! (DANIEL, 1975a, p. 10).

A recém-nascida ‘mulher nova’ da revolução portuguesa, criatura literária de Herbert Daniel, deduziu, antes de nascer, no ventre da própria mãe, fundamentos de materialismo histórico e dialético.

Nesta crónica o escritor não assinala somente a necessidade de conceber a ‘mulher nova’, utopia amiúde negligenciada pela ortodoxia marxista, mas, para além disso, apresenta-a literariamente como uma nascitura tímida, porém empoderada, consciente da responsabilidade histórica dos seres humanos. Portanto, esperando dos adultos uma planificação do futuro capaz de lhe proporcionar direitos, liberdades e condições materiais dignas, esta narradora sintetiza o espírito e os desígnios deste novo projeto de sociedade. Graças à sua clarividência, mesmo no útero, lugar de conforto por antonomásia, constata as repercussões de uma realidade injusta e a necessidade histórica de uma mudança, identificando exigências de progresso a serem cumpridas para melhorar a vida das gerações porvindouras.

Incumbida da responsabilidade de construir o futuro, a revolução portuguesa tinha imensos desafios a enfrentar, decisivas questões a serem tratadas e problemas a resolver. Contribuindo com a sua formação médica, o autor aproveitou o seu espaço na revista para reafirmar, em primeira instância, a exigência de consolidar um Serviço Nacional de Saúde (SNS) público e gratuito, iniciativa essencial no programa do governo provisório desde 15 de maio de 1974. Neste sentido, ao celebrar o primeiro ano desta recorrência, a 14 de maio de 1975, o jornalista tornou-se responsável por uma secção, intitulada “Haja Saúde”, dedicada a divulgar rudimentos de medicina, à promoção de práticas saudáveis, à afirmação da necessidade de políticas públicas de medicina preventiva e de conscientização acerca destas temáticas.

Portanto, no artigo “Ausência de dor não é saúde”, Daniel (1975b, p. 10) defende o acesso à saúde pública como direito humano, reforçando as relações entre saúde e justiça social, sublinhando que se trata de um “problema político”. Em primeiro lugar, Daniel (1975b, p. 9) destaca que a saúde não apenas é uma circunstância natural, nem uma concessão divina ou uma fatalidade, mas que um SNS universal, não subjugado a lógicas especulativas e de lucro, deverá ser defendido como uma conquista do povo e não como uma dádiva do poder.

Desta forma, mesmo que certas pessoas, condenadas a constantes privações, possam sentir-se saudáveis e felizes, ignorando os próprios problemas, Daniel (1975b, p. 10) explica a saúde como um equilíbrio de fatores alegando que uma pessoa não pode ser considerada plenamente saudável quando é condenada a viver na escassez, na ignorância e no analfabetismo, num regime fascista onde os seus direitos básicos são negados e onde deverá “se reprimir, fugir, fingir”, sendo um “indivíduo violentado moral e intelectualmente”. Assim, analisando as conclusões dos estudantes de um “curso livre de saúde comunitária” do Hospital Santa Maria de Lisboa, Daniel (1975b, 10) afirma que a sociedade precisa de encarar o direito à saúde como o propósito de prezar para o desenvolvimento holístico do indivíduo na plenitude das suas potencialidades e das suas capacidades. Por isso, reparamos que, através da sua coluna de saúde pública, o escritor pretende contribuir para a consolidação de uma consciência cidadã crítica e democrática com o propósito de construir uma sociedade mais justa, igualitária e saudável.

Para esse fim, no artigo “O trabalho do descanso”, ele defende a importância do direito ao tempo livre, do descanso, do sono e do lazer não apenas como parêntese, ausência de trabalho ou distração, mas como uma necessária procura do bem-estar e da satisfação pessoal. Assim, Daniel (1975d, p. 11) destaca que, numa sociedade que pretende erradicar a visão do trabalho como suplício, o lazer não deve ser visto como uma “fuga da prisão do trabalho”, mas como uma atividade lúdica, consciente e prazerosa, útil ao desenvolvimento do ser humano.

Na perspectiva de promover o progresso intelectual do ser humano, a 28 de maio de 1975, Herbert Daniel dedica um artigo ao problema do racismo. Primeiramente, Daniel (1975c, p. 11) explica que “[o] termo *raça* tem sido utilizado incoerentemente” não obtemperando a requisitos básicos de rigor científico. Assim, somente seria adequado definir os vários povos como grupos étnicos, considerando que, por sua vez, esta definição não coincide com coordenadas culturais, religiosas, linguísticas, geográficas ou nacionais. Efetivamente, Daniel (1975c, p. 11) realça que as diferenças com as quais os seres humanos demarcam separações entre supostas identidades étnicas ou culturais não se assentam em nenhuma comprovação de teor biológico, sendo totalmente infundadas todas as teorias que afirmariam qualquer tendência ou predisposição natural a determinadas atividades, qualidades ou diferenças a nível intelectual.

No entanto, declara Daniel: “Apesar de ser uma prova absoluta de ignorância e uma deformação que envergonha a Humanidade, o RACISMO continua a produzir muitas vítimas”. Atualmente a principal vítima, segundo Daniel (1975c, p. 11), não seria o discriminado, mas o racista, sujeito lastimosamente amargurado e limitado que, em vista da sua tolice e da sua socialmente perniciosamente insalubridade intelectual e cognitiva precisa de um “tratamento psiquiátrico” urgente sendo um “doente mental”. Neste sentido, Daniel (1975c, p. 11) explica o racismo como “uma expressão da luta de classes” sendo que sua “finalidade primordial é manter os privilégios das classes dominantes”. Assim, por exemplo, os processos coloniais alicerçaram as suas hierarquias em autoproclamados modelos de “civilização” antitéticos a preconceituosas abstrações de barbárie que justificaram a submissão dos ‘outros’. Portanto, com o propósito de expor os perigos deste processo fraudulento, Daniel (1975c, p. 11) cita uma hedionda entrevista ao representante da União Sul Africana nos Estados Unidos, na qual o embaixador defende o *apartheid* teorizando um “primitivismo” pelo qual os povos bantus precisariam passar por um processo civilizatório concluindo que “*A civilização, por bem ou por mal, trouxe o seu mar de problemas no qual o negro bantu deve nadar ou afogar-se*” [sic].

Dessa forma, ao debater questões polémicas e cruciais daquele período, estes artigos expuseram as feridas abertas de uma sociedade portuguesa ainda combalida pelo seu passado colonial e pelo fascismo, tentando cultivar horizontes de esperança que passariam pela conscientização de uma geração ainda abalada pelos sintomas de uma cultura autoritária, que tinha oprimido e manipulado o povo durante décadas. Por isso, Daniel (1975j, p. 36-37) chegará a criar uma coluna de bandas desenhadas, dedicada à medicina preventiva, intitulada “o nosso corpo”, ao lado de testes lúdicos sobre atualidade e cultura geral, tentando simplificar argumentos de atualidade e aproximar as leitoras à reflexão crítica e ao pensamento científico.

Um país aliviado: comemorando a memória de uma cidade futura

Entre os textos publicados em 1975 em *Modas e Bordados*, a crónica “Um país aliviado” destaca pelo seu inegável valor estético e histórico ao testemunhar o relacionamento entre o poeta e Lisboa, cidade de memórias, na medida em que, simultaneamente, representa o epicentro deste presente tão repleto de vontade comemorar o futuro. Como interpretado por Daniel (1975g, p. 2), “passados e futuros, agora fundidos, no corpo presente da cidade actual” afiguram novas trajetórias. Os “muros de Lisboa, durante

muito tempo falsamente brancos de silêncio” (DANIEL, 1975g, p. 2), após o fascismo, estão repletos de versos, reivindicações e sonhos, tornando-se o cenário ideal para este poema dedicado à esperança de uma vida melhor. As paredes, bem como cada canto da cidade, refletem a vontade de falar em liberdade, de renascer, regenerar as forças dessa geração existencialmente renovada e edificar a esperança.

Desde as primeiras estrofes o poema propaga liberdade, aludindo às infinitas formas de amar, numa época na qual esta premissa implicava consequências penais explícitas, sendo que a homossexualidade, apesar de ser raramente perseguida após o 25 de Abril, permaneceu proibida como comportamento perigoso e antissocial, nos artigos 70º e 71º do Código Penal português, até 1982 (ALMEIDA, 2010, p. 230). Em contrapartida, demonstrando que ‘qualquer maneira de amar vale a pena’, Daniel (1975g, p. 2) anuncia que “O amor é uma geografia de corpos e conjugações. Conjugações irregulares e per-feitas das imperfeições dos amantes (viver é estar imperfeito). / Há muitas maneiras de amar. / Há inúmeras maneiras de amar uma cidade”.

Portanto, o autor descreve a cidade e os seus potenciais amantes: moradores, transeuntes, turistas e forasteiros. Alguns viajantes superficiais apercebem-se apenas que a sua “natureza é uma senhora indiferente” (DANIEL, 1975g, p. 2), apreciando, trivialmente, as vantagens do seu clima entre o rio e as colinas. Outros, amantes mais sofisticados, apreciam a cidade mais profundamente e tentam interpretar as pedras que guardam a sua memória:

Formas arquitectónicas são novas definições dos volumes das pedras. Pedras são pedras. Não se ama a pedra como simples pedra. Não se ama uma cidade pelas pedras montadas com engenho e arte. / Ama-se o engenho. / Cada pedaço da cidade é um pedaço precioso da criação de um povo, que a habitou e habita. Amar uma cidade é amar o trabalho da gente comum, este esforço miúdo de cada um, que no conjunto de um povo faz as fartas demonstrações dos monumentos. Cada monumento não é senão um monumento do povo a si mesmo, ao seu próprio trabalho. / O que amo nesta cidade de Lisboa é este povo que foi distribuindo, pela margem deste infatigável Tejo, a sua história escrita em ruas e moradias. Tudo em ti, cidade de Lisboa, é memória viva e movimentada dessa gente que viveu e resistiu. (DANIEL, 1975g, p. 2).

O poeta desenha uma cidade em constante construção, consequência do comprometimento do seu próprio povo. O trabalho e a resistência da sua gente permitiram preservar a sua História e perseverar até alcançar a liberdade, ideal celebrado a cada esquina.

Assim, os amantes mais atentos conseguem interpretar as entrelinhas da sua sinuosa estrutura, decifrando a sua arquitetura e descobrindo, entre as suas cores, o imenso azul do céu, que afunda no Rio Tejo, tornando-se protagonista do seu centro. Todavia, segundo o autor, observando longinquamente as suas paisagens, a cidade revela-se alva, de um branco que coacerva vários reflexos cromáticos, desde a sua ponte metálica até ao verde dos seus jardins, encobertos por decorações e estátuas, no meio das suas largas avenidas e as suas ruelas repletas de recordações. Porém, apesar da ponte, a cidade ainda aparecia baixa, não cedendo às artimanhas dos arranha-céus. Segundo o poeta, atualmente esta paisagem apresenta-se como espelho e testemunho dos seus residentes, dos que, através dos próprios

compromissos e cuidados quotidianos, do próprio esforço, engenho e arte, ergueram a geometria deste espaço do qual hoje, finalmente, podem tornar-se arquitetos, cooperários, pintores e escritores:

Todas as paredes de Lisboa estão cobertas por um indescritível conjunto de pinturas e papéis. A parede já não é um cerco. Tornou-se jornal e boca. Mancha-se o branco. Nasce a cor da conversa, de quem aprende ensinando. / Ouvirá o grito aliviado dos rostos libertos da solenidade funerária das estátuas. A estatuária mística desses anos obscurantistas, que se quebraram, são os estrangeiros mais disformes. O rosto do português tem indecisões humanas que o cimento ou o bronze não aceitaram ainda. O corpo do português movimentou-se em ritmos subtis, sem as pretensões massacrantes da estátua. A vida saiu às ruas e recusa as estátuas. (DANIEL, 1975g, p. 2).

As paredes falam e recolhem palavras de liberdade, acompanhando o desfecho do fascismo e o fim daquele formalismo estatuário que cerceava o povo em esquemas autoritários e estáticos estabelecidos para eternizar o estoico poder do silenciamento. Por outro lado:

Só começará a entender Lisboa quando observar a leveza perene da construção que o povo vem fazendo e faz. Talvez tenha a sorte que eu tive, de descobrir os novos sorrisos que são trocados na rua entre estranhos, os gestos muito amplos que não podem ser medidos senão pela nomenclatura das emoções, as novas roupas e as novas palavras da fala. Talvez tenha a sorte de ver uma madrugada como a do 25 de Abril de 1975, quando se comemorou o futuro, sob o espanto aflito das inibições passadas: amava-se fisicamente o amanhã. Porém, agora, já, rápida e imediatamente. Sem pressa. / Por isto, Lisboa de contraditórias expressões, és tão linda. Guardas este português povo, como guardas o combate quotidiano que pode desembocar em todos os povos. Irmãos. / A nova cartografia de Lisboa está nas novas faces que recriam a cidade. Impossível visitar Lisboa se não se visita as linhas dos rostos, se não se passeia entre as rugas das caras que rejuvenescem. A nova cartografia de Lisboa é: dois rostos ou dois corpos, unidos num olhar de amor num acto. Actuar - fazer - arrancar. / Amo-te, Lisboa, pela tua nova antiga cartografia. Amo-te, Lisboa portuguesa, velha novidade, porque indicas que as cidades devem ser exactamente as capitais da Revolução. Amo-te, Cidade, como forma de amar um povo que quero chamar camarada, e um país, que quero chamar meu. / HERBERT (DANIEL, 1975g, p. 2).

Lamentavelmente, a experiência lisboeta de Daniel não durou muito. Como relatado por Green (2018, p. 223), a partir de “25 de novembro de 1975, grupos mais conservadores passaram a controlar o governo. Logo depois, soldados invadiram o apartamento” onde o escritor morava com o seu companheiro e uma amiga, procurando armamentos inexistentes.

Esta rusga foi interpretada como uma ameaça aos militantes brasileiros refugiados em Portugal que decidiram, então, emigrar para outros países. A sua amiga e companheira Maria do Carmo, colega em *Modas e Bordados*, optou para ir apoiar a revolução em Angola enquanto ele e o seu companheiro Cláudio, em janeiro de 1976, decidiram viajar até Paris onde receberam apoio de organizações políticas e sindicais para obter o estatuto de refugiados.

De volta ao Brasil, depois do desfecho da ditadura militar e da prescrição das suas condenações, Daniel cogitou publicar um livro sobre as suas experiências portuguesas, obra que, infelizmente, nunca chegou a ser concretizada. As suas principais obras publicadas, *Passagem para o próximo sonho* (DANIEL, 1982) e *Meu corpo daria um romance* (DANIEL, 1984), definidas pelo autor como sendo “literatura pessoal”, foram escritas quase inteiramente em Paris a partir do balcão de uma sauna *gay* onde serviu como porteiro e empregado polivalente durante o seu exílio francês, relembrando com saudades e esperança a sua aventura lusitana.

Todavia, esta etapa foi relatada fragmentariamente, porque as suas posteriores obras abordaram principalmente o “verdadeiro inverno” do desterro: “E Lisboa não foi: nem exílio, nem soluços. Um dia talvez vos conte, portugueses da anedota da minha vida, o amor em que me ficastes ancorados, felizes caravelas de descobrimentos próprios, meus” (DANIEL, 1982, p. 149). Nesta primavera revolucionária, o poeta e o seu companheiro Cláudio amadureceram politicamente e começaram a namorar, encontrando-se numa estação de paz e sossego das perturbações da vida. A revolução encarnava as esperanças deste casal, transformando Lisboa num exemplo de cidade triunfante “Onde nosso passado tinha um sentido. Pixado por todo lado. / Víamos bem: a história a fazer-se cicatriz no sopro, alívio na carne” (DANIEL, 1984, p. 246).

Não obstante a insuspeitada efemeridade das circunstâncias do PREC, como admitiram posteriormente, apesar da precariedade vivida por Cláudio e Daniel (1984, p. 246), “declarávamos estar felizes – o que era apenas uma alegria de saber que a busca da felicidade não é absurda, e não uma forma acabada de felicidade. Estávamos felizes para lástima da presente geração e espanto da posteridade”. Nesta incerta primavera revolucionária, tentando digerir as mágoas do passado, o casal refugiou-se no próprio amor, certeza do presente:

o que me espanta / e alivia / é ter arrancado disso tudo / isto tudo: / esta cama / de casal / em Portugal /* / [...] E era maio, Lisboa, azuis mares que brilhais, emoções que uma ignorância política confundia com esperanças, esperanças que a emoção política ignorou, ignorâncias que nos deixavam acreditar que tudo, ou quase, era esperável. / Naquela época, que coincidiu com uma certa descoberta da língua, do exílio e do sexo, te comemorei nas coisas. Hoje gostaria de festejar em ti as coisas, como quem ama te saber. (DANIEL, 1984, p. 247).

Assim, costurando sonhos, esperanças, emoções e utopias Herbert Daniel conseguiu construir, apesar de tudo, uma vida que nunca desistiu da luta e da literatura.

O legado de uma vida

A fase francesa inaugurou o autêntico desterro do casal, obrigando Daniel a desistir, quase totalmente, da sua militância política e a reconsiderar os seus projetos de continuar os estudos de Medicina, nunca concluídos. Enquanto Cláudio trabalhou como ilustrador para organizações sindicais, em Paris o poeta encontrou trabalho numa sauna *gay*, dedicando-se, por paixão, à escrita das suas obras, publicadas a partir de 1982, de regresso ao Rio de Janeiro.

Como corroborado no presente artigo, a aventura lisboeta marcou profundamente a vida do autor, tendo ficado impressa na sua biografia e disseminada em diferentes obras. Na experiência do escritor, esta fase coincidiu também com uma aceitação da própria orientação sexual e com a revelação da sua relação estável com o seu companheiro na militância clandestina Cláudio Mesquita. Apesar das dificuldades em legalizarem a própria situação no país, os dois participaram ativamente na vida social e política portuguesa, demonstrando comprometimento com os valores de Abril e com a construção de uma nova sociedade. Além disso, em Portugal Daniel tinha recommençado a estudar Medicina aplicando estes conhecimentos na revista. Como visto, além de assinar a rubrica “Haja Saúde”, o escritor promoveu campanhas a favor do direito à interrupção voluntária de gravidez ao abordar cientificamente a situação da gestação, celebrando a implementação do Serviço Nacional de Saúde (SNS), serviço de saúde público ainda em construção.

Neste sentido, as suas últimas publicações na revista, a partir de setembro de 1975 tiveram uma excelente produção gráfica. Efetivamente, como sublinhado por Green (2018, p. 221), o namorado Cláudio, colaborador do Movimento das Forças Armadas (MFA) em campanhas de alfabetização e como gráfico, na realização de panfletos, acompanhou a experiência de *Modas e Bordados* e contribuiu à realização de uma série de bandas desenhadas intituladas “o nosso corpo”. Nestas ilustrações de extraordinário impacto, Daniel (1975j, p. 36-37) abordou, de forma simples e didática, questões de saúde pública e de medicina preventiva como estratégias para evitar a transmissão de doenças ao ressaltar a importância de lutar para a implementação do saneamento básico, do controlo de alimentos, da manutenção da higiene urbana, hídrica e do reflorestamento, na proteção da natureza. Assim, a promoção de medidas de higiene, ao lado da difusão de cuidados de saúde acessíveis, segundo Daniel (1975j, p. 37), melhorariam a sociedade garantindo que “a saúde é um direito de todo o povo”. Nestas reivindicações, observamos uma propositiva reconfiguração das esperanças revolucionárias de Daniel numa sociedade que, no entanto, ainda convivia com a difusão de perspectivas sociais retrógradas e conservadoras. Por exemplo, a Interrupção Voluntária de Gravidez (IVG), em Portugal, foi garantida somente a partir de 2007, sendo que o Brasil ainda não reconhece este direito.

Através da sua convivência com feministas socialistas e revolucionárias, que contribuíram para a sua atualização política em relação à questão da homossexualidade, Daniel teve ocasião de introduzir a discussão desta temática entre os exilados brasileiros, junto com as reivindicações de emancipação das mulheres. Efetivamente, em Portugal teve pela primeira vez contato com um incipiente movimento de liberação homossexual cujo impacto, no entanto, se observava principalmente em meios artísticos e intelectuais, tendo sido a homossexualidade formalmente penalizada até 1982 (ALMEIDA, 2010, p. 230). Logo após a revolução, a 13 de maio de 1974, salienta Almeida (2010, p. 223) publicou-se, no *Diário de Lisboa*, um apelo intitulado “Liberdade para as minorias sexuais”, assinado pelo Movimento de Acção dos Homossexuais Revolucionários (MAHR), a anunciar uma manifestação cuja participação foi bastante exígua.

Logo a seguir, como destacado por Almeida (2010, p. 223), o almirante Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, apropriou-se prepotentemente do debate assegurando aos moralistas que a revolução “não tinha sido feita para as prostitutas e os homossexuais”.

Logo, apesar da abertura de cenários de liberdade, este gesto de exclusão ressaltou discriminações existentes mostrando a persistência de antigos preconceitos cuja desconstrução representa um desafio a enfrentar na evolução do percurso democrático. Entretanto, através da sua escrita na revista, Daniel tentou evidenciar as feridas de uma sociedade pisoteada pelo fascismo e contribuir para o debate de questões ligadas à emancipação feminina num país profundamente machista com muitas mulheres a votarem pela primeira vez. Neste sentido, Daniel tentou incentivar uma participação ampla e consciente das mulheres no debate social, reivindicando políticas de saúde pública e gratuita em um contexto extremamente complexo.

Tendo sido concebido em condições precárias, numa terra sem médicos nem hospitais, Daniel fez da reivindicação do direito à saúde e a uma vida melhor a sua principal bandeira. Após o desfecho da ditadura militar e a prescrição das suas condenações, Daniel regressou ao Brasil e aderiu ao Partido dos Trabalhadores, tornando-se pioneiro nas causas feministas, trans, das dissidências sexuais e ecologistas, já antes de se tornar um dos fundadores do Partido Verde.

Da mesma forma, Daniel dedicou-se a campanhas de saúde pública voltadas ao enfrentamento da epidemia da SIDA/AIDS. Apesar de ter sido um pioneiro em tentativas de prevenção e sensibilização na luta contra o HIV, vírus então desconhecido, chegou fatalmente a ser atingido pelo vírus, sendo que, naquela altura, significava praticamente uma condenação à morte. Assim, em 1992 Herbert Daniel despediu-se deste mundo de utopias e desilusões, sem nunca desistir de lutar, deixando escritas as palavras: “Tenho aids há muito tempo. Décadas, talvez. Minha principal descoberta, no entanto, é que estou vivo. Tenho estado bem com minha aids e tenho sofrido. É só uma doença. Espero que um dia, quando finalmente a morte me levar, ninguém diga que fui derrotado pela aids” (GREEN, 2018, p. 26). Bem antes de descobrir o seu contágio, Daniel descreveu incessantemente esta epidemia, tentou ajudar pessoas afetadas e lutou para combater o estigma, também através da fundação de uma associação.

No Brasil democrático, Daniel conseguiu editar as suas obras sem alcançar grande impacto a nível mediático, académico ou comercial. Por isso, a despeito da sua significativa produção literária, o escritor foi praticamente ignorado, tanto pela crítica académica, bem como pelo mercado editorial. Infelizmente, os seus livros encontram-se esgotados, sem novas edições, sendo praticamente impossível encontrar as suas obras em livrarias. Da mesma forma, as suas principais publicações estão ausentes da maioria das bibliotecas brasileiras, representando uma raridade absoluta. Apesar disso, em 1994, numa coletânea estadunidense dedicada a escritores latino-americanos sobre temáticas homoeróticas, aparece um texto crítico dedicado a Herbert Daniel, redigido por Dário Júnior Borim (1994, p. 129-134). Ainda a partir dos EUA destacam-se diversas publicações e o volume do historiador James Green (2018) que, ao ter redescoberto e divulgado a sua biografia reconstrutiva, tem publicado a mais completa e importante obra sobre o autor. Dessarte, nos últimos anos cada vez mais pesquisadores dedicaram a própria atenção ao estudo da obra de Daniel, que está a ser progressivamente reconhecida no âmbito da literatura brasileira. Efetivamente, explorando diferentes estilos e géneros a sua escrita apresenta uma série de temas de grande interesse de forma profunda e corajosa, demonstrando grande perícia no uso de metáforas e outros recursos retóricos, sem nunca abandonar o seu “implícito compromisso pedagógico” e o seu engajamento na mudança social na “construção de um trabalho no qual é possível constatar traços genuinamente artísticos” (GIGANTE, 2022b, p. 175).

Nestes 50 anos de Abril, recorrência atravessada por um cenário pós-pandémico, queremos relembrar uma pessoa que defendeu a consolidação do SNS e que lutou pela democracia, em Portugal e no Brasil. Tendo enfrentando uma epidemia, ainda irresolvida, o legado de Daniel testemunha que o antifascismo é um exercício quotidiano e que o combate pelo progresso social e científico – contra as epidemias, a boçalidade e o fascismo (doença social) – não admite descanso. O passar do tempo, como pressagiado por Daniel (1975g, p. 2), pode desgastar a força das palavras que testemunharam a opressão fascista. Resistir ao retrocesso implica uma resignificação das conquistas obtidas, à luz dos desafios hodiernos, reavivando a luta para a concretização de novos patamares de resgate daquele futuro contido na Constituição e recuperar a hegemonia, um consenso social que saiba reconhecer a atualidade deste legado, aprendendo a retomar aquele caminho coletivo que comemoramos a cada abril.

Referências

ALMEIDA, São José. *Homossexuais no Estado Novo*. Porto: Sextante Editora, 2010.

BORIM, Dário Júnior. Herbert Daniel. In: FOSTER, David William (org.). *Latin American writers on gay and lesbian themes: a bio-critical sourcebook*. Westport: Greenwood, 1994. p. 129-134.

DANIEL, Herbert. Esta é a minha história: diário íntimo de um feto – O tempo que passei no útero da minha mãe. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 7-10, 30 abr. 1975a.

DANIEL, Herbert. Ausência de dor não é saúde. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 9- 10, 14 maio 1975b.

DANIEL, Herbert. O racismo. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 11, 28 maio 1975c.

DANIEL, Herbert. O trabalho do descanso. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 9-11, 4 jun. 1975d.

DANIEL, Herbert. Aborto clandestino é crime. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 12-13, 25 jun, 1975e.

DANIEL, Herbert. Ano internacional da mulher: 30 dias de mulher pelo mundo. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 34-35, 25 jun. 1975f.

DANIEL, Herbert. Um país aliviado. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 2, 9 jul. 1975g.

DANIEL, Herbert. Marilyn Monroe. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 15, 30 jul. 1975h.

DANIEL, Herbert. Voltaram os pirolitos. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 12, 10 set. 1975i.

DANIEL, Herbert. O nosso corpo. *Modas e Bordados*, Lisboa, p. 36-37, 10 set 1975j.

DANIEL, Herbert. *Meu corpo daria um romance: narrativa desarmada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DANIEL, Herbert. *Passagem para o próximo sonho: um possível romance autocrítico*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

FRY, Peter. Prefácio. In: GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000. p. 9-15.

GIGANTE, Matteo. “Passagem para o próximo sonho” de Herbert Daniel: um lugar de fala nos exílios. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEÑA. NÉLIDA PIÑÓN EN LA REPÚBLICA DE LOS SUEÑOS (COLIBRA), 1., 2018, *Libro de actas [...]*. Salamanca: CEBUSAL, 2022b. p. 658-674. Disponível em: https://cebusal.es/publicacion_ceb/libro-de-actas-i-colibra/. Acesso em: 27 mar. 2024.

GIGANTE, Matteo. *Eros e Ares nos trópicos*: como uma certa literatura brasileira decidiu desarmar lógicas de arregimentação bélicas e dessacralizar mitos de masculinidade. 2022. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022a. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/54587>. Acesso em: 27 mar. 2024.

GIGANTE, Matteo. Sodoma é uma cidade capitalista: micropolítica dos guetos dos anos 70 na literatura pessoal do brasileiro Herbert Daniel. *Língua-lugar: Literatura, História, Estudos Culturais*, Genebra, n. 6, p. 60-75, dez. 2023. Disponível em: <https://oap.unige.ch/journals/lingua-lugar/article/view/1483/1406>. Acesso em: 27 mar. 2024.

GREEN, James. Herbert Daniel: política, homossexualidades e masculinidades no Brasil nas últimas décadas do século XX. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (org.). *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 131-149.

GREEN, James. Quem é o macho que quer me matar? homossexualidade masculina, masculinidade revolucionária e luta armada brasileira dos anos 1960 e 1970. *Revista Anistia Política e Justiça de Transição*, Brasília, n. 8, p. 58-93, 2012. Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/tablas/r33222.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

GREEN, James. *Revolucionário e gay*: a vida extraordinária de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Tradução de Marília Sette Câmara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Recebido em 27 de março de 2024.

Aprovado em 7 de maio de 2024.

Resumo/Abstract

Quando Portugal comemorou o futuro: Herbert Daniel, 1975

Matteo Gigante

No presente artigo refletimos acerca de alguns aspetos da obra-vida de Herbert Eustáquio de Carvalho (1946-1992), mais conhecido pelo pseudónimo Herbert Daniel, autor brasileiro, ainda pouco reconhecido, que está recentemente a despertar o interesse do mundo académico brasileiro e internacional. Fugindo da ditadura militar brasileira, em 1975 Daniel residiu em Portugal trabalhando na revista feminina lisboeta *Modas e Bordados* (suplemento de *O Século*), sob a direção da jornalista feminista Maria Antónia Palla. A partir desta colaboração, Daniel contribuiu à introdução de instâncias sociais progressistas atualizando, ao longo do Processo Revolucionário em Curso (PREC), a linha editorial da revista. No mesmo período, o

namorado Cláudio Mesquita, que o acompanhou na fuga da ditadura militar brasileira, trabalhou como responsável pela realização de panfletos e campanhas pedagógicas junto do Movimento das Forças Armadas (MFA). Em vista dos seus rudimentos de medicina, Daniel assinou uma coluna chamada “Haja Saúde” abordando questões como o racismo, o direito a condições de trabalho dignas, ao descanso e ao lazer, assistindo à implementação do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Além disso, Daniel refletiu sobre a importância do planejamento familiar e da liberdade de escolha das mulheres, reivindicando o direito ao aborto. Por outro lado, Daniel observou as conturbadas vivências de homossexuais e de refugiados brasileiros em Portugal, numa altura em que o autor reconheceu, pela primeira vez, conscientemente, a sua condição de homossexual e exilado. Portanto, analisando as crónicas publicadas em 1975 ao lado de excertos das suas obras posteriores, observamos o diálogo entre a vida, o pensamento do autor e o contexto histórico-cultural da Revolução dos Cravos, ressaltando a relevância das suas reivindicações que se apresentam, ainda hoje, vanguardistas.

Palavras-chave: literatura brasileira, crónica; PREC - Período Revolucionário em Curso, *Modas e Bordados*, Herbert Daniel.

When Portugal celebrated the future: Herbert Daniel, 1975

Matteo Gigante

In this paper, we reflect on some aspects of the lifework of Herbert Eustáquio de Carvalho (1946-1992), better known by the pseudonym Herbert Daniel, a Brazilian author, still little recognized, who has recently attracted the interest of the Brazilian and international academic world. Fleeing the Brazilian military dictatorship, in 1975 Daniel lived in Portugal working on the Lisbon women’s magazine *Modas e Bordados* (a supplement to *O Século*), under the direction of feminist journalist Maria Antónia Palla. Through this collaboration, Daniel contributed to the introduction of progressive social organizations by updating the magazine’s editorial line during the Ongoing Revolutionary Process (PREC). During the same period, his boyfriend Cláudio Mesquita, who accompanied him as he fled the Brazilian military dictatorship, worked as a pamphleteer and educational campaigner for the Armed Forces Movement (MFA). Given his rudiments of medicine, Daniel signed a column called “Haja Saúde” (Let there be health) addressing issues such as racism, the right to decent working conditions, rest, and leisure, and witnessing the implementation of the National Health Service (SNS). Daniel also reflected on the importance of family planning and women’s freedom of choice, demanding the right to abortion. On the other hand, Daniel observed the troubled experiences of homosexuals and Brazilian refugees in Portugal, at a time when the author consciously recognized his status as a homosexual and exile for the first time. Therefore, by analyzing the chronicles published in 1975 alongside excerpts from his later works, we can observe the dialogue between the author’s life and thought and the historical and cultural context of the Carnation Revolution, highlighting the relevance of his demands, which are still avant-garde today.

Keywords: Brazilian literature, chronicle, PREC - Ongoing Revolutionary Period, *Modas e Bordados*, Herbert Daniel.

Financiamento

Esta pesquisa foi financiada com recursos da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P., de Portugal, no âmbito do projeto UIDB/00077/2020 sendo um resultado parcial do projeto de pesquisa “Artistas Letrados e Letrados Artistas. Relações entre Literatura e artes Plásticas na Modernidade Contemporânea Brasileira” (ALLA) do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL), coordenado pela Professora Doutora Alva Martínez Teixeira.